



# O “Pierre Bourdieu” de Marxistas e Antimarxistas\*

## Ensaio

### The "Pierre Bourdieu" of Marxists and Anti-Marxists

Lidiane Soares Rodrigues\*\*

\* Recebido em: 03.06.2017. Aprovado em: 11.11.2017.

\*\* Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisadora e professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Este trabalho resulta de uma bolsa de pós-doutoramento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) – à qual registro agradecimento; assim como do trabalho “Pierre Bourdieu: adversário-aliado” (apresentado no Seminário Temático “O marxismo e seus críticos”, no 37º Encontro Anual da Anpocs). Email: [lidianesrgues@gmail.com](mailto:lidianesrgues@gmail.com)

<sup>1</sup> O interesse em recensear a recepção de Bourdieu no Brasil tem se intensificado, como demonstram eventos comemorativos e alguns textos de balanço (PINHEIRO; JACKSON, BORTOLUCI, 2015).

O presente trabalho propõe uma discussão a respeito das relações entre Pierre Bourdieu e a tradição marxista, considerando, com a seriedade que ela requer, uma frivolidade: por que e como se “comenta/explica” os autores. A persistência do modo de intercambiar ideias, conceitos e teorias, tendo por eixo a “obra” de um “autor” tem sido objeto de estudos no âmbito da sociologia da cultura e da ciência, que tratam a rotina do exercício de comentários, de citações e de discussões a respeito de “grandes autores” como um indicador da amplitude da área de difusão (e ressignificação) de sua obra (SANTORO, SAPIRO, 2017). Por conseguinte, a observação destas práticas, em espaços periféricos e semiperiféricos no campo global científico (SAPIRO, 2013) ilumina os mecanismos da assimetria do mercado internacional de trocas simbólicas: o fluxo de “grandes autores”/ “teorias” segue o vetor do centro à semiperiferia e desta às periferias (SAPIRO,

2014; HEILBRON, 2000; DE SWAAN, 1993). Sendo a importação de ideias um princípio estruturante do *modus operandi* destes espaços dominados, as apropriações que fazem das obras tornam ainda mais evidente que os textos e os autores circulam sem o contexto que lhes deu origem (BOURDIEU, 2002). É profícuo entrelaçar aos problemas desta linhagem de estudos, a questão da organização de agrupamentos teóricos em torno de “grandes autores”, estruturando espaços disciplinares – por exemplo, kantianos e nietzschianos em Filosofia; foucaultianos e habermasianos, em Sociologia. Sem pretensões exaustivas, o presente artigo discute uma circulação particular e dois agrupamentos deste tipo: a da obra de Pierre Bourdieu, entre alguns marxistas e antimarxistas – esquadrinhando, de modo não exaustivo, alguns nexos e interesses atrelados às suas posições centrais (americanos e franceses) e periféricas (brasileiros)<sup>1</sup>



<sup>2</sup> Note-se que o modo como se formula este problema não se satisfaria com as confortantes petições de princípio “até Marx leu seus inimigos e incorporou contribuições da economia clássica”, etc. Tampouco com as falsas sentenças de encerramento – “de fato não importa muito se tal autor é isso ou aquilo” – em geral enunciadas antes de começar a discussão a respeito de seu pertencimento teórico exclusivo. Insisto: se esse exercício toma tanta energia dos praticantes de ciências sociais é porque ele encerra algo da dinâmica que comanda sua produção intelectual.

### O problema: condicionantes do exercício exclusivo-inclusivo

A vida social que faz os autores circularem também os desvincula de sua história, tornando-os tanto mais independentes do que escreveram/pensaram quanto mais dependem dos conflitos e alianças entre seus mandatários (comentadores/leitores-encomiásticos e/ou comentadores/leitores-difamadores). É comum que o “retorno ao texto clássico” menos que recuperar os termos puros das obras, comandados incontornavelmente pela história acumulada dos comentários e citações, não poderiam superar esta condição – típica e constitutiva do espaço de produção científica – mas sejam um momento de sua dinâmica reprodutiva. Karl Marx e Pierre Bourdieu, este autor e a “tradição marxista”, nas numerosas segmentações que ela apresenta – por tudo que foi que será a seguir, exposto – consiste em apenas mais um caso desse fenômeno regular e repetitivo na história das ciências sociais em geral (BOURDIEU, 2002; SANTORO, SAPIRO, 2017).

De todo modo, uma particularidade se apresenta e talvez ela deva algo à história do marxismo – embora o mesmo possa ser observado em outras tradições de pensamento, notadamente a psicanálise (ELIAS, 1982). O modo mais simples de caracterizá-la consiste em constatar que se a combinação Weber-Durkheim é menos escandalosa do que a Durkheim-Marx e muito tempo se levou para se legitimar o marxismo-weberiano. O filtro da legitimidade das “combinações” no interior do espaço de leituras marxista está no centro das possibilidades e limites impostos à

imaginação dos comentários e da elaboração da agenda de pesquisa.

No verbete “Antropologia” de uma enciclopédia renomada, Frederick George Bailey definiu sua disciplina por meio da construção simultaneamente social e intelectual de ortodoxias. *Pari passu* a construção de “sistemas teóricos fechados”, observou ele, processa-se o fechamento dos grupos acadêmicos encerrados neles, portadores e reprodutores de encadeamentos lógicos a partir de um conjunto de citações e autores (BAILEY, 1992, p. 1777-178). Se esta constatação comportar algum nível de generalização, pode-se afirmar que este processo estabeleça o leque de combinações possíveis entre autores marxistas e entre autores marxistas e não-marxistas. Em contrapartida, esta dinâmica concerne não apenas ao estabelecimento dos grupos e de suas ortodoxias (no sentido emprestado por este antropólogo ao termo) mas à dinâmica deles face aos outros que gradativamente passam a reconhecê-los como depurados de teorias exógenas – fixando sua identidade (weberianos, durkheimianos, marxistas). Nesse sentido, os autores contemporâneos não-clássicos e em vias de classificação por meio do trabalho de legitimação realizado pelos comentadores vão pouco a pouco se acotovelando para ocupar suas posições, exclusivamente, como adversários ou aliados das ortodoxias (linhagens herméticas) estabelecidas. Dito de outro modo, o gênero comentário presta um serviço ao realizar a classificação inclusiva (que por princípio tem no(s) autor(es) *exclusivamente* um *aliado*) ou *eliminatória* (que por princípio tem no autor *exclusivamente* um *adversário*)<sup>2</sup>.

A centralidade que o marxismo apresentou no século XX, no âmbito das ciências humanas explica que praticamente todo cientista social de renome, a certa altura de sua trajetória, tenha sido colocado contra a parede e instado a responder “você é (ou não) marxista?”. Não por acaso um historiador inglês,



inequivocamente marxista, e o sociólogo francês em questão tentaram dar saídas idênticas à armadilha sob a forma de pergunta – nada mais nada menos do que uma fábrica de catalogação dos pares.

“(aprendi) através de longa e dolorosa experiência, que se me perguntarem ‘Você é marxista?’, devo responder (por mais que isto vá contra as minhas inclinações) ‘Isto depende do que você entende por marxista’, pois se respondo ‘sim’, mesmo com muitas qualificações acadêmicas, a próxima pergunta fatalmente será ‘O que você faz quando se depara com um fato que não se enquadra em seus pressupostos?’. Será tarde demais, então, para alegar que não tenho nem mais nem menos pressupostos do que qualquer outro historiador, ou que, como eles, mudo completamente minhas ideias com informações novas.” (HILL, 1984, p. 10)

“... costume não responder a essas perguntas. Primeiro, porque, em geral, elas quase sempre são feitas (...) com uma intenção polêmica, classificatória, para catalogar, acusar publicamente – ‘[o autor], no fundo é durkheimiano’. O que do ponto de vista de quem diz isso é pejorativo; significa, ele não é marxista, e isso é ruim. Ou então, ‘[o autor] é marxista’, e isso é ruim. (...) a resposta à pergunta de saber se um autor é marxista, durkheimiano ou weberiano não acrescenta praticamente nenhuma informação sobre esse autor”. (BOURDIEU, 1990, p. 41).

Mal incorporada nos estudos intelectuais, a obra de Norbert Elias está repleta de sugestões e à espera de um bom uso em novas direções. Arrisco fazê-lo elaborando uma hipótese, a partir do esquema proposto em *Os estabelecidos e os outsiders*. O grau de fechamento ou abertura, simultaneamente *social e intelectual*, de um grupo cujo atributo identitário seja a teoria que professa se atrela à posição desses grupos face outros “grupos teóricos”. É possível supor que quanto mais dependente for sua existência da pureza teórica e da trajetória do exclusivo domínio desta teoria,

menos aberto à introdução de outras matrizes/autores ele será. Naturalmente, trata-se de uma sugestão: a intransigência com a qual se estabelece a barreira de acesso aos grupos responde a situações conflituosas, caracterizadas pela ameaça da emergência de grupos concorrentes, no esquema de Elias. Restaria ponderar caso a caso: por um lado, quais grupos ameaçam o marxismo (e outros agrupamentos) nos lances específicos da concorrência intelectual; e, por outro, quais grupos o marxismo ameaça no interior desta mesma especificidade – para compreender a disposição à abertura/ensimesmamento sócio-intelectual de uns e de outros.

A verificação desta hipótese pressupõe mais pesquisa, contudo, já se conta com uma base de dados suficientemente densa, a respeito dos marxistas brasileiros, sugestiva das condicionantes de abertura e fechamento destes agrupamentos teóricos.

Em 2014, um questionário com 59 questões, foi dirigido online, a brasileiros, que atendessem a dois critérios: 1) denominar-se marxista; 2) ser professor universitário e/ou aluno de pós-graduação, de qualquer estabelecimento de ensino superior. A base de dados reuniu 988 indivíduos respondentes. As perguntas dividiam-se em três blocos: a) morfologia (idade, sexo, renda, profissão dos pais, região geográfica de origem e de trabalho); b) tomadas de posição - b1-política (engajamento em partidos; preferência/rejeição partidária; opinião a respeito de políticas afirmativas); e, b2 - tomadas de posição teórica (segundo o protocolo do espaço marxista: autores preferidos do panteão, dirigentes preferidos de revoluções, o marxismo é ou não



<sup>3</sup> Naturalmente, a extrapolação para “foucaultianos”, “bourdieusianos”, “positivistas” – ou ainda, no interior do próprio marxismo, althusserianos, lukacsianos, adornianos, etc. – é tentadora, mas arriscada, e, portanto, fica a espera de estudos aprofundados, para os quais, este pretende dar oferecer mais indagações do que conclusões.

<sup>4</sup> Pesquisa parcialmente financiada pelo CNPq e pela Fapesp.

ciência); c) vida profissional (posição no espaço – aluno ou professor; disciplina acadêmica; motivações de carreira; participação em poderes institucionais – comissões, júri de avaliação em teses e concursos, etc.) (RODRIGUES, 2018)<sup>3</sup>. Algumas informações colhidas em perguntas pertencentes ao bloco b2 (tomadas de posição teórica) são particularmente interessantes para o objeto desta exposição:

(53) Você considera que o marxismo deve incorporar criticamente elementos de outras teorias?	%
sim, sempre que necessário	48,1
sim, esse deve ser um esforço permanente	36,5
não, pois o marxismo é uma teoria completa	8,8
não sei	3,4
não, pois isso enfraqueceria a teoria marxista	3,1
Total	100,0

(50) Dentre os desafios do marxismo dentro da universidade hoje, qual você considera o mais importante?	%
Fazer a crítica da sociedade capitalista contemporânea;	37,3
Voltar aos textos de Marx para melhor compreendê-los;	30,5
Lutar pela hegemonia socialista dentro da universidade	7,0
Buscar integração com outras correntes teóricas;	4,7
Nenhuma das respostas anteriores	3,4
Total	100,0

A decalagem entre as duas respostas é tangível. Por um lado, 84,6% respondem afirmativamente à questão (53), formulada

de modo a instar boas condutas científicas (“deve incorporar elementos de outras teorias?”), de acordo com ressalvas que fazem sentido para a população (sempre inclinada a se reconhecer no “criticamente”). Por outro lado, convidada a hierarquizar suas prioridades (questão 50), a conduta que levaria objetivamente a esta “abertura” a outras teorias reúne apenas 4,7% dos respondentes, contrastando com 67,8% de respostas, cujo desdobramento prático a mantém em estreitos vínculos com o marxismo (somatória de “Fazer a crítica da sociedade capitalista contemporânea” com “Voltar aos textos de Marx para melhor compreendê-los”). Trata-se de um indício de forte fechamento de grupo e, ainda que não “explique” o que expomos a seguir, presta-se a sugerir a dinâmica social e intelectual de agrupamentos teóricos em torno de “um autor”<sup>4</sup>.

### Trabalho morto: o que faz quem comenta?

Em 1996, o periódico *Actuel Marx* propôs um “dossiê Pierre Bourdieu”. Seu organizador, Jacques Bidet, afirmou entender que para aquilatar as relações entre Marx e Bourdieu seria necessário antes considerar as diferenças entre seus projetos intelectuais (BIDET, 1996, p. 145). Mas esta diretiva não inspirou inteiramente seus colegas – a maioria deles opinou por interpelar as formulações de Bourdieu, a partir da agenda de preocupações dos marxistas.



Yves Sintomer procurou extrair implicações políticas de algumas formulações de Bourdieu. Estando de acordo com ele, a respeito da ideia de que a defesa de (valores) “universal” não tenha origem numa espécie de razão universal, mas é produto histórico de constrangimentos sociais; preocupou-se com o fato de algumas análises de Bourdieu assinalarem uma antinomia insuperável entre o campo da produção simbólica e o campo político. Segundo elas, os agentes da produção simbólica estariam imersos em relações que fomentam a defesa do “corporativismo do universal” e o campo político não engendraria os estímulos para tal defesa (SINTOMER, 1996, p. 97-99). Que fazer, se é justamente no campo político que interessa fazer valer essa universalidade? Por este caminho optaram também Jacques Bidet, Emmanuel Terray e Yvon Quiniou.

Jacques Bidet o fez por meio de quatro temas: ideologia, classes sociais, Estado e instituições, e a reprodução social (BIDET, 1996, p. 142). Ele considera esta última, a questão que promove a aproximação mais consequente entre os autores, pois o sociólogo tratou da reprodução das relações de classe pressupondo o sistema de ensino como mecanismo indispensável dela. Sobretudo, por defender que o sistema educacional não inculca os conteúdos da cultura da classe dominante, porém, a legitimidade da dominação por meio da cultura das classes dominantes (GEAY, 2012, p. 103). Por isso, sublinha Bidet, investigar a imposição da hierarquia estruturada e estruturante consiste em definir “a reprodução cultural como reprodução de uma relação de classe”. A “violência simbólica está nessa inocência tranquila do choque de

classe que se ignora, a herança (cultural) se dando como excelência da natureza” (BIDET, 2001, p. 414).

Bidet aparenta esta crítica à de Marx, dirigida às ilusões liberais da concorrência de mercado como mecanismo de premiação dos melhores indivíduos. Tanto num caso como no outro, trata-se de assinalar a dimensão coletiva e classista no que é aparentemente um “dom” ou um “mérito” individual (BIDET, 2001, p. 414-415). Para Bidet, desde “a demonstração de Marx segundo a qual a troca salarial constitui uma exploração”, jamais alguém estabeleceu “com tanta acuidade a relação de subjugação que se esconde sob a igualdade formal da instituição” (BIDET, 1996, p. 144).

Para Emmanuel Terray, a noção de “violência simbólica” em Bourdieu equivaleria à de “ideologia” em Marx, na medida em que ambos assinalam com tais noções um mecanismo de dominação pela imposição de um arbitrário cuja eficácia se deve ao desconhecimento dele. Entende que a noção de violência simbólica permite a Bourdieu contribuir para uma questão clássica das pesquisas dos marxistas: “como os dominados e os explorados podem eles próprios interiorizar sua própria submissão a ponto de vivê-la como normal e natural?” (TERRAY, 1996, p. 19).

Yvon Quiniou discute as noções de “classe”, “interesse” e “determinismo materialista” em Pierre Bourdieu, estabelecendo numerosos nexos entre elas e a tradição marxista. Entrementes, sugere que faltaria a Pierre Bourdieu uma espécie de horizonte



<sup>5</sup> Aludo ao texto de Luc Boltanski (2008), no qual há um depoimento interessante a respeito das relações de proximidade e distanciamento entre Bourdieu e o grupo de Althusser. O apreço ao estilo aporético pode ser constatado na obra-prima dedicada a exercê-lo *Meditações pascalianas*.

negativo que operasse em contraponto às suas análises, “ponto decisivo para quem reivindica uma problemática prática da emancipação”. Ora, as classes, em Marx, são “inseparáveis de uma teoria que anuncie teoricamente (...) sua desaparecimento prática”, elas “são transitórias ou contingentes em escala histórica”. A “projeção de um futuro marcado pela desaparecimento das classes (o comunismo)” é operacional na análise da sociedade de classes atual. Esse horizonte negativo não existiria em Bourdieu (QUINIOU, 2000, p. 47). Com efeito, em detrimento desta força negativa, sua crítica à “miséria do mundo” tem por diretriz “não deplorar, não rir, não detestar, mas compreender” (BOURDIEU, 1993, p. 10). Ao propor-se a “tornar a realidade insuportável”, o metro da negação sistemática não é acionado; senão a inspiração pascaliana, em que o culminar do exame agônico, só tem mérito se alcançar as aporias, sem vislumbre inicial ou final de superação<sup>5</sup>. E, no entanto, Bourdieu se emparelha ao marxismo por não abandonar “o determinismo materialista”, “tema essencial” e que “insere Bourdieu num espaço de significação que pertence ao materialismo marxiano”, mas incômodo, pois o propósito de Bourdieu consiste em denunciar a fé na liberdade como uma modalidade inaceitável de ignorância. Insiste Quiniou: só ignorando a determinação se sustenta a ilusão da liberdade (QUINIOU, 2000, p. 52).

Sintomer, Terray, Quiniou e Bidet interpelaram *conceitos* de Pierre Bourdieu, fragmentando seu sistema conceitual, orientados pelo protocolo de questões de sua perspectiva teórica – o

marxismo (francês). Algo similar foi realizado por Eric Hobsbawm. Convidado a se manifestar, por ocasião da morte de Bourdieu, confessou que lhe suscita interesse o conceito de *habitus*, para pensar como “os homens fazem sua própria história, porém não como a querem” (HOBSBAWM, 2004, p. 289). Dito de outro modo – ele interpelou a obra, igualmente, por meio de um conceito que *interessa* a um historiador profissional marxista, a alusão ao adágio do *18 Brumário de Luis Bonaparte* (MARX, 2011 [1852], p. 25) torna a disposição de leitura evidente.

Hobsbawm estava em sintonia com o grupo da *Actuel Marx*. Seja o problema da determinação, para Quiniou; seja o problema da violência simbólica, para Terray; seja o da reprodução, para Bidet – cada qual a seu modo, está de acordo com a divisa: “uma lei que se ignora é uma natureza (...) uma lei conhecida aparece como a possibilidade de libertação” (BOURDIEU, 1984, p. 45). Bem ponderadas as intervenções, é o problema da revolução que conduz esses leitores de Bourdieu. A historiografia marxista inglesa orbitou em torno dele e é possivelmente com isso em mente que Hobsbawm afirma, na mesma oportunidade: não se lê um autor, o que se lê num autor são as contribuições que ele pode ofertar ao desenvolvimento de nossos problemas de investigação (HOBSBAWM, 2004, p. 282). Em contrapartida, Bourdieu também esteve atento ao que se passava do outro lado do canal da Mancha: não apenas era conhecedor das controvérsias dessa historiografia, como explicitamente se dirigiu a ela, seja no curso *Sobre o Estado*



<sup>6</sup> A discussão dos historiadores a que ele se refere é a de Lawrence Stone (1966). Em *Sobre o Estado*, a controvérsia entre Edward Thompson, Althusser e Perry Anderson é mote de algumas aulas (BOURDIEU, P. Sur l'État. Paris : Seuil, 2012).

(2012) durante os anos 1990, no *Collège de France*, seja em sua obra magna *A distinção* (1979) – na qual afirma:

“(temos) motivos suficientes para formular a questão, atualmente bastante debatida entre os historiadores, relacionada com as condições (...) nas quais acaba por se interromper a dialética das oportunidades objetivas e das esperanças subjetivas, reproduzindo-se mutuamente (...) [de modo a determinar] uma ruptura da adesão que as classes dominadas (...) atribuem aos objetivos dominantes (...)” (BOURDIEU, 1979, p. 184-185). Dito de modo sumário, e nos termos do recado aos historiadores: como as rotações do “espaço social” em tensão com habitus e expectativas acionam disposições heréticas e concorrem para detonar revoluções<sup>6</sup>.

Do ponto de vistas destes marxistas, é inquietante a circularidade do esquema explicativo, que corresponde à impossibilidade da emancipação, da revolução, da ruptura. Terray afirmou “não sobr(ar) pedra sobre pedra” (TERRAY, 2003, p. 301). Jacques Bidet assinalou: as estruturas são interiorizadas pelos agentes sob a forma de *habitus*, que governarão suas práticas. Estas serão o princípio de uma ordem estrutural, ela mesma geradora do *habitus*, daí ser o momento da educação central na reprodução das *disposições* (para dominar /se deixar dominar) das classes sociais (BIDET, 2001, p. 409). Quiniou entende que “precisamente por ser determinista, (Bourdieu não seja) fatalista: revelando as causas, permite agir sobre os efeitos, impedindo-os ou produzindo-os”. Com Bourdieu, “o mundo social se revela dominável (passível de

transformação), não a despeito de ser determinado, e sim pelo fato de sê-lo.” (QUINIOU, 2000, p. 60).

Aproximações como estas não foram identificadas apenas pelo marxismo francês e pela historiografia marxista inglesa. Sem adotarem o marxismo como identificação teórica, ex-alunos de Bourdieu reconhecem alguns parentescos entre ele e as perspectivas marxistas. Gérard Mauger sintetizaria o que foi exposto acima de modo simples: trata-se de explicar cientificamente o princípio de “não consciência” da ação social – questão que encontra equação nos clássicos em geral e que aproximaria Bourdieu de Marx (MAUGER, 2012, p. 32). Loïc Wacquant assinalou que há na atenção que Pierre Bourdieu volta ao “universo da alta cultura / cultura *socialmente* legítima dos dominantes” algo de similar ao que o jovem Marx fez, voltando-se para a religião (WACQUANT, 1996). Trata-se, de modo sumário, de buscar as condições materiais de produção da cultura e os modos pelos quais os agentes *denegam* essas condições, de uma maneira *específica* – sendo ela constitutiva do mercado das trocas simbólicas. A cultura ressuscita as concepções de “privilégio de nascimento” de sociedades pré-industriais, por meio da fantasmagoria do “dom”. As análises que não desmistificam esse princípio de hierarquia permanecem reféns da ideologia liberal/individualista e de uma concepção ingenuamente romântica de gênio. Nesta esteira, para Fabienne Federini: a postura epistemológica de Bourdieu se aproxima da de Marx, ao menos no sentido de apreender os processos históricos em longa duração e



<sup>7</sup> Mantendo-se separados, se possível, e hostilizando-se quando incontornável, os bourdieusianos e os marxistas não são indiferentes uns aos outros. As leituras que beiram a classificação de Pierre Bourdieu à direita do espectro político ideológico, tal como elaborada por alguns marxistas, são respondidas pelos herdeiros do sociólogo. Por exemplo, para Anna Boschetti, a leitura acima é recorrente, e confunde “juízo de valor” e “objetivação”. No limite, o mesmo raciocínio que a origina impugnaría Marx, afirmando que se não fosse sua obra não haveria mais-valia e exploração do trabalho (BOSCHETTI, 2005, p. 125). Assinale-se que no Brasil, esta oposição se esquadrinhou em torno da recepção do primeiro mediador da obra de Bourdieu, por ocasião do uso que realizou de seus conceitos, em oposição a um certo marxismo. Refiro-me à publicação da tese de mestrado de Sergio Miceli (1972) e à resenha feita por Maria Arminda do Nascimento Arruda e Gisela Taschner Goldenstein (1975) – episódio obrigatório para qualquer interessado na recepção da tradição marxista e/ou bourdieusiana.

assumir que nossas práticas e o *ethos* delas, por mais naturais que nos pareçam, são históricas e *historicamente naturalizadas* (FEDERINI, 2007, p. 117). Não por acaso, Eric Hobsbawm afirmou que uma das razões de sua admiração por Pierre Bourdieu devia-se ao fato de ele não acreditar que bastasse que os filósofos interpretassem o mundo – novamente, inscrevendo Bourdieu na tradição marxista por meio de sua conhecida fórmula (HOBSBAWM, 2004, p. 292).

Hobsbawm, portanto, discordaria do sociólogo estadunidense Michel Burawoy – para o qual, em Pierre Bourdieu, a violência simbólica, a determinação da ação, a reprodução social seriam decretos da incapacidade dos dominados lutarem por sua emancipação<sup>7</sup>. Efetivamente, sendo esta crença tratada como um dos “fiadores de pertencimento” ao marxismo, elimina-se, assim, o espaço possível de intersecção entre a teoria de Bourdieu e as perspectivas marxistas (BURAWOY, 2010, p. 19-27).

A classificação que o sociólogo estadunidense delinea para a teoria de Bourdieu diverge de todos os autores acima mencionados, para os quais o parentesco entre ele e o marxismo é evidente – e positivamente avaliado. Ela discorda também de outros comentadores, para os quais este vínculo é igualmente patente, porém visto de modo ultrapassado e negativo. Por exemplo, Luc Ferry e Alain Renaut, dois vulgarizadores midiáticos da filosofia francesa, classificaram Pierre Bourdieu como a “versão marxista do pensamento 68”, responsável pela sobrevivência do

marxismo francês, apesar de ser um “marxismo denegado”, posto que crítico de Louis Althusser e seus colaboradores (FERRY ; RENAUT, 1988, p. 197). Na mesma toada, o sociólogo estadunidense, Jeffrey Alexander, afirmou que Pierre Bourdieu possui um “marxismo escondido”, que se impõe como um “neo-marxismo”, caracterizado pelo “materialismo, pelo objetivismo e pelo determinismo” (ALEXANDER, 2000, p. 25). O “tiroteio intempestivo” deste último autor liga-se talvez a uma leitura oriunda de sua posição “neo-funcionalista”, na qual o conflito não tem vez (WACQUANT, 1996); o diagnóstico de Ferry e Renaut, talvez, à tentativa de ressuscitar o humanismo e suas inclinações à direita política, na qual o acento na reprodução estrutural das assimetrias entre as classes é o bastante para associar Bourdieu ao marxismo – além de sua posição anti-acadêmica e midiática (CHARLE, JEANPIERRE, 2016, p. 841). Vale dizer, no caso dos autores cujo objetivo consiste em classificar Bourdieu como marxista, com o objetivo de desacreditá-lo politicamente para também desautorizá-lo cientificamente, o eixo em torno do qual giram tem contrapartida num horizonte compartilhado pelas duas teorias em tela, evidente no contraponto ao pós-modernismo. Afinal, Bourdieu, diferentemente de muitos contemporâneos seus recusou-se a embarcar no espírito pós-moderno de “demissão e desprezo pela razão” (WACQUANT, 1997, p. 31). Note-se, ademais: invertendo a chave de leitura de Burawoy, Ferry e Renaut denominam Bourdieu marxista justamente pelos mesmos motivos que o estadunidense lhe priva da insígnia. O “Bourdieu de Ferry e



<sup>8</sup> Assim ficaram conhecidos os filósofos que, nos anos 1990, abandonaram espaços de produção intelectual em favor das mídias, notadamente, da televisão; e que tinham um passado esquerdista, predominantemente ligado ao maoísmo (NOIRIEL, 2010, p. 114-120).

Renaut” “[restabelece], em sua integralidade, a determinação da luta de classes como fundamento último de todas as práticas sociais inclusive as intelectuais e científicas” e dessa maneira recupera a premissa segundo a qual é a economia em última instância que responde pela determinação dos processos (FERRY; RENAUT, 1988, p. 188). Enquanto para a dupla dos “novos filósofos”<sup>8</sup>, Bourdieu elimina a autonomia da produção cultural; para Burawoy, Bourdieu confere e defende tanta autonomia aos intelectuais que ele e seu modelo ideal de atividade poderiam ser aproximados dos intelectuais tradicionais (FERRY ; RENAUT, 1988, p. 195; BURAWOY, 2010, p. 63).

Menos do que explicar, quem comenta, classifica o autor e o hierarquiza segundo sua métrica de valores, condicionada por sua posição. Por isso, uma análise das lutas de classificação dos autores no campo científico rechaça tanto atitude professoral de correção de leituras quanto o bom senso da sentença “grandes autores permitem muitas leituras” – conciliação de salão que a comum falta de senso do senso comum doutra tanto apraz. Acima, apresentou-se não apenas leituras diferentes, mas opostas e girando em torno de um eixo comum, a saber, a hostilidade e rejeição a um autor. As tomadas de posição de Bourdieu, segundo o último conjunto de comentadores, contrapõem-se quase uma a uma. No limite, não falam do mesmo autor, constroem-no por meio de algumas formas de classificação cuja inteligibilidade se encontra antes nas posições que ocupam no espaço de que se originam e aos quais dirigem sua taxonomia – seja a mídia, no caso da dupla filosófica francesa; seja

a sociologia mundial, no caso dos estadunidenses. Ademais, se Burawoy apresenta-se como “porta-voz” dos princípios teóricos e políticos de um marxismo puro, e a dupla Ferry/Renaut emparelhando com Alexander, como “porta-vozes” da cartilha antimarxista, mas *todos se dirigem igual e hostilmente a Pierre Bourdieu* é porque ele *pode ser* tanto adversário quanto aliado do marxismo. Eis aí um efeito não previsto do trabalho de classificação: criar uma posição central raramente ocupada por outros autores, ilha cercada por marxismo(s) e anti-marxismo(s).

#### **Trabalho vivo: circulação e assimetrias globais.**

Segundo Johan Heilbron (2009), os mecanismos estruturantes do mercado científico global são pelo menos três: o funcionamento das instituições científicas internacionais e as redes transnacionais; a mobilidade dos universitários (estadas de pesquisa, trocas organizadas pelas universidades, migrações voluntárias ou forçadas); as políticas de trocas conduzidas pelas instituições não universitárias, estatais ou privadas, como as fundações filantrópicas. Em que se pesem as tradições nacionais na orientação do trabalho produzido em Ciências Humanas e Filosofia, pelo menos desde a segunda metade do século XX, seus praticantes encontram-se sob forte condicionamento das trocas assimétricas em nível global. E, neste período, elas são estruturadas por aqueles mecanismos, reflitam eles ou não sobre isso (HEILBRON, 2001, 2008; GINGRAS, 2002). É provável que a abundância de recursos materiais constanja os praticantes dos



<sup>9</sup> No livro de Burawoy, mais do que em qualquer outro marxista tratado no presente estudo, o viés interessado da leitura, cravado pela competição entre pólos dominantes do campo global (Estados Unidos da América x França), assim como pelas posições internas nacionalmente assumidas por Burawoy/marxismo e bourdieusianos, na sociologia americana. Em respeito à economia do argumento deste texto não analiso as incongruências internas do livro. O eventual interessado as encontra indicadas em “Pierre Bourdieu: adversário-aliado”, disponível no sítio da Anpocs. Assinale-se que a indução das categorias classificatórias propostas por Burawoy no livro em questão encontrou larga difusão no Brasil – como atesta o punhado de resenhas que o livro recebeu. Repõe-se a assimetria global de modo duplo e irrefletido: importamos um autor francês, e o modo de ler americano, com toda a chancela crítica ofertada pelo marxismo.

<sup>10</sup> Por exemplo: 1. Para responder às “cobranças” dirigidas por Sintomer a Bourdieu, poderia ser recomendada a consulta a *Sur l'État* (BOURDIEU, 2012); 2. A “advertência” incauta que Tony Andréani dirige a Bourdieu (“Marx

pólos dominantes no espaço mundial da ciência ao reconhecimento disso. Sendo a condição dos praticantes em espaços dominados simetricamente invertida, é possível supor que sejam menos sensíveis a estas linhas de força, embora mais dependentes dos rendimentos materiais e simbólicos dos recursos internacionais (SAPIRO, 2013). Algumas práticas específicas de importação/exportação entram em operação na estruturação da desigualdade entre os países dominantes e dominados neste espaço: traduções de livros e artigos, recursos e dimensões das editoras especializadas, publicações em espaços estrangeiros e de autores estrangeiros, elaboração de coletâneas temáticas ou autorais, prefácios, comentários – entre outras. Grosso modo, mais dominante o país, mais se traduz de sua língua e menos para sua língua, à qual se convertem falantes e leitores – sendo o paradigma disso, atualmente, o inglês (SAPIRO, 2014; HEILBRON, 2000; DE SWAAN, 1993).

Assinale-se um amplo princípio de oposição em tela: a concorrência entre Europa e Estados Unidos, particularmente entre o campo sociológico francês e estadunidense nas lutas de classificação de Pierre Bourdieu – evidente nas identidades nacionais dos comentadores. Não parece ser outro o mote, seja de Burawoy, seja de Alexander – cada qual enclacrado em sua posição na sociologia americana (isto é, tema, instituição, peso do poder temporal e espiritual na composição do capital científico, etc.)<sup>9</sup>.

Em contrapartida, o acento na aproximação entre Marx e Bourdieu, realizada termo a termo, de modo generoso pelos marxistas franceses da *Actuel*, aliando-se a eles, Hobsbawm, apresenta algo do ar de família daqueles que frequentaram as mesmas escolas – notadamente a École Normale Supérieure da Rue D’Ulm – sobrepondo-se a qualquer outro tipo de critério inclusivo ao grupo. Como sugeriu Jacques Bidet, seria por meio da ponderação dos projetos intelectuais respectivos, e não por aproximações feitas de modo avulso, termo a termo, indutoras de equívocos que as análises seriam mais bem encaminhadas. Tal como ela se apresenta, o exercício do comentário – sempre “notas sobre um tema em um autor e outro” – transforma-se numa máquina de exercícios professorais de torção e correção de leituras, mantendo a discussão constante justamente por não formulá-la de maneira consistente<sup>10</sup>. Daí também a necessária reposição da advertência, de Jacques Bidet: não há razão alguma para se tomar o pensamento de Marx como medida para julgar Bourdieu<sup>11</sup>.

A convergência ou divergência de problemas teóricos, de temas, de tomadas de posição filosóficas ou políticas entre as perspectivas marxistas e o constructo teórico de Pierre Bourdieu é indissociável da posição do marxismo no campo intelectual francês em que se formou este autor (FEDERINI, 2007, p. 116). Qualquer reflexão a respeito dos nexos entre um e outro, seja favorável ou desfavorável aos parentescos e/ou distanciamentos, tem como efeito não calculado elevar o segundo à posição de clássico ocupada pelo primeiro e – é este o trabalho efetivamente realizado pela eleição



abriu caminhos para se ultrapassar o dilema entre consciente e não consciente, do saber e do não-saber, que em Bourdieu não são explorados”, (1996, p. 61) – poderia receber a sugestão seja de ler o restante do dossiê da *Actuel Marx*, em que Terray afirma exatamente o contrário, seja de reler Bourdieu. 3. Sobre o parentesco entre ideologia e poder simbólico, segundo Wacquant, diferentemente da tradição marxista, nos estudos de Bourdieu, a *dissimulação* assume diversos movimentos – não interessa exclusivamente o de *inversão* sistemática resultante da contradição objetiva. As inversões ordenadas segundo dois pólos em negação – típica da tradição marxista – não é a única (e talvez não seja a principal) encontrada em Bourdieu. Para ele, também interessa surpreender modalidades de disfarce-distorção (ou negação) por meio de práticas cuja legitimidade, por ser incontestada, torna opaca (e eficaz) a dominação. Dito de outro modo: a “realidade” não nega necessariamente uma “essência”, interessa surpreender o nexos entre reconhecimento tácito e desconhecimento prático da legitimidade da cultura dominante. A dominação se dá a todo tempo, é potencialmente reconhecível, e colhe sua eficácia na opacidade garantida pela legitimidade com que é exercida. (WACQUANT, 1996, p. 69.). Desnecessário multiplicar exemplos. De todo modo, esta multiplicação da classificação/comentário, distorções e correções engendra um mercado de trocas simbólicas, entre os marxistas. A este respeito: RODRIGUES, 2018.

<sup>11</sup> BIDET, 1996, p. 142. Em outra oportunidade, Bidet chega à instigante consideração de que talvez Bourdieu se ocupe das disputas entre frações da elite

de autores dignos de comentários, exegeses, balanços bibliográficos. Neste caso, ela é também indicadora da centralidade que Pierre Bourdieu adquiriu mundialmente. E se tal reflexão for conduzida ignorando o contexto especificamente intelectual e científico dos textos prestar-se-á, por um lado, às aproximações/distanciamentos termo a termo, geradoras de erros, e, por outro, aos comentários aparentados à exegese<sup>12</sup>. Nesse sentido, por mais “puro”, “íntegro”, “profundo”, “correto” que pudesse (a)parecer, aproximar ou opor Marx e Bourdieu, o caminho de “retorno aos textos” consistiria numa impostura bem orquestrada pela aparência de seriedade<sup>13</sup>. O segundo chegou ao primeiro por meio do acúmulo de leituras e apropriações sedimentadas e cristalizadas na tradição marxista com que conviveu, isto é, a fração francesa e filosófica dela, no período dos anos 1940-1960, em se formou e se lançou às Ciências Sociais. A centralidade dos clássicos considerados fundadores das disciplinas impõe a evidência de que não é a eles que se vai *imediatamente*, mas por *mediação* dos usos que os pares fazem deles: leitores, comentadores, professores, periódicos, etc. Por este motivo, os nexos do autor com o marxismo se atrelam aos efeitos do campo universitário francês, filtro para sua leitura de Marx. Ademais, quem ignorar que o espaço das disciplinas na França sofre um reequilíbrio no período do pós-guerra – rearranjando a posição da “disciplina de coroamento” (Filosofia) (FABIANI, 2010), dando a seus excedentes um escoadouro na rival e gata-borracheira (Sociologia), ambas ameaçadas pela ascensão da Economia e da

Ciência Política, cujos serviços prestados à ordem mundial bipolar são capazes de atrair o capital estadunidense para financiá-las em organismos internacionais – só poderá multiplicar falsos problemas (HEILBRON, 1991 ; HOUEVILLE, 2007).

Nascido em 01 de agosto de 1930, em uma modesta família camponesa, no Denguin, Pierre Bourdieu foi aluno interno no liceu de Pau (1941-1947) e no liceu Louis Le-Grand (em Paris). Formou-se na École Normale Supérieure (Paris), em 1954, obtendo a *agrégation* em Filosofia, tornou-se professor no liceu de Moulin. Entre 1955 e 1958 cumpriu serviço militar na Argélia. Nesse ínterim, foi professor assistente na Faculdade de Letras de Argel e realizou pesquisa sobre a sociedade cabila. Em 1958, publica *Sociologia de l'Algérie*. Em seu retorno à França, realizou pesquisa estatística no Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (INSEE), pesquisou o celibato no Béarn, e tornou-se assistente de Raymond Aron na Faculdade de Letras de Paris, integrando-se ao Centro de Sociologia Europeia, do qual se tornou secretário-geral em 1962. É nesta fase que os primeiros passos de seu léxico conceitual e os problemas que o acompanharão ao longo da vida são esboçados, e também suas relações de “empréstimo e crítica” (MAUGER, 2012, p. 34) com a tradição marxista – nas versões de Althusser, Sartre e outros, contrapostas e mescladas à tradição da “filosofia do conceito”, tal como modulada pelo ensino de seus professores Georges Canguilhem e Gaston Bachelard. Entrementes, outras dimensões, alheias talvez inicialmente às leituras ou críticas que tivesse a Marx ou ao marxismo, concorrem



na redistribuição do valor – produzido pelo trabalho produtivo. Apesar de se tratar, a meu juízo, do texto mais sofisticado que encontrei no levantamento realizado, penso que seria o caso de dar atenção a uma questão anterior e de princípio entre Pierre Bourdieu (e, neste caso, Marx): trata-se de pensar que Bourdieu transporta sugestões elaboradas para sociedades não modernas, mas em processo de modernização, para espaços sociais do capitalismo avançado – o espaço dos produtores simbólicos (BIDET, 2001). A questão a ser feita seria, tentando ligar o léxico de um a outro: os produtores simbólicos (Bourdieu) produzem valor (Marx)?

<sup>12</sup> Todo pesquisador que tenha por objeto a vida intelectual estará de acordo com a consideração do “contexto”. Porém, cada um entenderá por contexto algo diverso do outro. O equívoco que sublinha-se acima consiste na explicação dos textos por um quadro macro-histórico justaposto e postigo às obras, à interlocução entre pares, etc. Tenta-se chamar atenção para o modo relacional por meio do qual se acessa autores clássicos – a este respeito: RODRIGUES, 2013.

<sup>13</sup> Não se dispõe de espaço a discussão a respeito do alarde a respeito da superficialidade das análises da produção intelectual que não se definem exclusivamente pela leitura (dita) profunda dos autores. O autor que levou a sério e analisou esta reação, pois ela própria tem uma história, foi Norbert Elias (2001).

<sup>14</sup> Além de numerosos artigos publicados na revista *Actes de la recherche en Sciences Sociales*, fundada por ele e sua equipe em 1975, o núcleo duro de sua contribuição à sociologia da educação encontra-se em quatro livros, a saber: *A reprodução* (1970); *Les héritiers* (1964),

para que vá forjando sua voz autoral e seu projeto intelectual. Sem caracterizá-las exaustivamente, assinale-se que o processo migratório de Bourdieu se acompanha de uma migração disciplinar. Na qualidade de *agregé* em Filosofia, ele projetava uma tese intitulada « Les structures temporelles de la vie affective », sobre a fenomenologia de Edmund Husserl. Ao ser deslocado para servir na guerra da Argélia, lá realizou trabalhos etnográficos e antropológicos – nos quais as estruturas temporais da vida de populações pertencentes a sociedades menos diferenciadas é questão central. Se, por um lado, o conjunto de problemas investigativos que formulou nesse período, como etnógrafo, acompanhou-o por toda a vida; ao retornar à França, ele se tornou sociólogo, dedicando-se aos temas da sociologia da educação (BOURDIEU, 1986). Nesse âmbito, o interessado no “marxismo de/em Bourdieu”, arregala os olhos, e começa a estabelecer nexos de aproximação, posto que o ar de família entre um dos livros produzidos nesta fase – *A reprodução* – e a noção de “aparelhos ideológicos de Estado”, de Althusser, seja evidente. Como sói ocorrer, o envelhecimento impõe denegações do passado em que se engendrava um projeto autoral, mas ainda não se era um “autor”. Ele não apenas denegaria esse elo, criticando a “sociologia do Aparelho” (BOURDIEU, 1989), como também elaboraria análises tão diferentes das apresentadas neste livro, que poderiam ser atribuídas a outra pessoa. Com o avanço das pesquisas empíricas, a sociologia educacional praticada por Bourdieu abandonará as sentenças categóricas d’*A reprodução*, e se ocupará para as práticas

específicas de inculcação e incorporação dos habitus (de classe/escolares), assim como da parte ativa dos dominados na reposição das relações de dominação. As rotações do autor – como é rotineiro – deram ensejo a um debate a respeito de “dois Bourdieu(s)”: um iconoclasta inimigo da cultura e outro defensor da autonomia da cultura e do papel do intelectual (BOSCHETTI, 2005, p. 126)<sup>14</sup>.

A tentativa de caracterizar as relações do autor com o marxismo – *recusando-se a começar pelas relações entre sua teoria e a de Marx ou se ensimesmar em exegeses* – chega a três maneiras pelas quais este diálogo se estabeleceu: a. críticas dirigidas por Bourdieu a autores considerados marxistas; b. temas e problemas da agenda marxista, encaminhados dentro do seu sistema teórico; c. análise da cultura, tendo como mote, intelectuais marxistas. Se nas duas primeiras o marxismo é interlocutor, na última ele é objeto (o exemplo mais tangível, talvez seja: BOURDIEU, 1989). Em contrapartida, seria o caso ainda de considerar as relações entre o sistema de ensino francês – de que Bourdieu é “resultado” e “pesquisador” – e o Partido Comunista Francês. Diferentemente do que foi observado para o caso brasileiro, as relações entre partido e universidade seguem outras trilhas: tanto o intercâmbio entre as duas instituições são mais flexíveis quanto o equilíbrio dos capitais mobilizados para tanto chancela a combinação entre prestígio estritamente científico/disciplinar e militância comunista partidária (PUDAL, 2005; MATONTI, 2005; RODRIGUES, 2011). Ademais, a divisão



*Homo Academicus* (1984), *La noblesse d'État* (1989). A repercussão desses livros foi diversa ao longo do tempo. Raymond Aron, por exemplo afirma que *Les héritiers*, escrito com Jean-Claude Passeron, tornou-se o livro de cabeceira da geração “soixante-huitard”, pois estava em sintonia com o “humor anti-institucional” dos jovens (GEAY, 2012, p. 98).

temática nas obras dos intelectuais comunistas – temas estudados em função das diretrizes do *bureau* político e temas estudados para fazer a carreira científica – não tem contrapartida entre brasileiros e requereria um trabalho comparativo que prevenisse a tendência a entender o campo intelectual francês segundo categorias oriundas do brasileiro. Por fim, a caracterização sugerida teria também ela de retomar as relações do campo global – em âmbito filosófico. Com efeito, o país dominante no plano das trocas internacionais filosóficas, no período considerado, não é a França, mas a Alemanha. O primeiro filósofo a que Bourdieu imaginou consagrar seus estudos, Edmund Husserl, era nos anos 1950, o refúgio para o pólo dominado do campo filosófico (a epistemologia tal como praticada Gaston Bachelard e Georges Canguilhem). Pólo este em busca de alternativas tanto à modelagem “aristô-bourgeoise” do existencialismo dos cafés (soberania de Jean-Paul Sartre, construída desde o fim da Resistência) e quanto aos “historiadores da filosofia” (Martial Guérault e Jules Vuillemin, a caminho da Sorbonne e do *Collège de France*) – e do qual Bourdieu não é único representante (PINTO, 2002; BOURDIEU, 1989, p. 15-24; SOULIÉ, 1985). O que talvez lhe seja único é precisamente “adesão ferrenha ao racionalismo” (WACQUANT, 1997, p. 29) e o rechaço à sedução do humor anti-racionalista que catapulta alguns de seus colegas de geração (PINTO, 2014) – orientação que, vista em contraponto com a onda pós-moderna, torna-o incontornavelmente adversário-aliado do marxismo.

### Cambalhotas da classificação

A caracterização do campo global das ciências humanas pressuporia reconhecer a particularidade dos lances de concorrência e colaboração dos pólos dominantes entre si, dos pólos dominados entre si e entre países dominantes e dominados. Seria impossível, neste artigo, explorar exaustivamente os determinantes da circulação internacional e das diversas torções imprimidas pela dinâmica das tradições nacionais, das disciplinas e dos grupos interessados na importação dos estrangeiros – particularmente de Pierre Bourdieu. E, no entanto, não é possível ignorar as determinantes do campo global no embaralhamento das classificações apresentadas. Do ponto de vista do “sul global”, importa sublinhar o risco de tornar-se duplamente refém da concorrência mundial: não bastassem as importações dos “teóricos”, dos “clássicos” incontornáveis, a integração hodierna em nível internacional é capaz de induzir modos de ler e usar relativamente insondáveis se não observados sob o prisma da “vigilância epistemológica”, de que falava Bourdieu.

### Referências Bibliográficas

ALEXANDER, J. *La reduction: Critique de Bourdieu*. Paris, Le Cerf, 2000.

ANDRÉANI, T. «Bourdieu au-delà et en-deçà de Marx ».In. *Actuel Marx*, n. 20, 2º sem. 1996.



ARRUDA, M. A. N.; GOLDENSTEIN, G. T. “A noite da madrinha: transfiguração simbólica e transfiguração teórica”. *Novos Estudos Cebrap*, v. 11, 1975, p. 124-141.

ARON, R. *Memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BAILEY, F. G. “*Antropology*”. In: CLARCK, R. C. NEAVE, G. *The encyclopedia of higher education*, v. 3. Pergamon, 1992, p. 1777-1787.

BIDET, J. “Bourdieu et le materialisme historique”. In: BIDET, J.; KOUVÉLAKIS, E. *Dictionnaire Marx Contemporain*. Presses universitaires de France, 2001.

\_\_\_\_\_. «L'universel comme fin et comme commencement». In: *Actuel Marx*, n. 20, 2º sem. 1996. *Actuel Marx*, n. 20, 1996.

BOURDIEU, P. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. *Sur l'État*. Paris: Le Seuil, 2012.

\_\_\_\_\_. *La distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de minuit, 1979.

\_\_\_\_\_. *Esboço de autoanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. «Le discours de l'importance». *Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques*. Paris: Fayard, 1989.

\_\_\_\_\_. «Les conditions sociales de la circulation internationale des idées». *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 145, décembre 2002.

\_\_\_\_\_. «Le sociologue en question». In: *Questions de sociologie*. Paris: Les Édition de Minuit, 1984.

\_\_\_\_\_. *La misère du monde*. Paris, Le Seuil, 1993.

\_\_\_\_\_. «*Aspirant philosophe: um point de vue sur le champ universitaire dans les années 50*». In: *Les enjeux philosophiques des années 50*. Paris, Centre Georges Pompidou, 1989.

\_\_\_\_\_. “Le mort saisit le vif. As relações entre a história reificada e a história incorporada” [1980]. In: *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOLTANSKI, L. *Rendre la réalité inacceptable: à propos de « La production de l'idéologie dominante »*. Paris: Demopolis, 2008.

BOSCHETTI, A. «*Des deux Marx aux deux Bourdieu. Critique d'un mythe malveillant*». In: MAUGER, G. (org.). *Rencontres avec Pierre Bourdieu*. Broissieux: Éditions du Croquant, 2005.

BURAWOY, M. *O marxismo encontra Bourdieu*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

CHARLE, C. JEANPIERRE, L. “L'ancien et le nouveau”. In: *La vie intellectuelle en France. De 1914 à nos jours*. Paris: Éditions du Seuil, 2016.

DE SWAAN, A. The Emergent World Language System. *International Political Science Review*, v. 14, n° 3, 1993.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. “Scientific establishments”. In: ELIAS, Norbert; MARTINS, Erminio; WHITLEY, Richard D. (orgs.). *Scientific Establishments and Hierarquies*. Dordrecht: D. Rieder, 1982.

FABIANI, J. L. *Qu'est-ce qu'un philosophe français? La vie sociale des concepts (1880-1980)*. Paris, Éditions de l'EHESS, 2010.

FEDERINI, F. «Marx». In: CAZIER, J-P (dir.). *Abécédaire de Pierre Bourdieu*. Mons: Éditions Sils Maria, 2007.



FERRY, L.; RENAUT, A. *Pensamento 68. Ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo*. São Paulo: Ensaio, 1988

GEAY, B. «Éducation et culture. La nouvelle infrastructure ? » In. MAUGER, G. "Bourdieu et Marx". In. LEBARON, F.; MAUGER, G. *Lectures de Bourdieu*. Paris : Ellipses, 2012.

GINGRAS, Y. « Les formes spécifiques de l'internationalité du champ scientifique ». In. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 141, 2002.

HEILBRON, J. « Exchanges culturels transnationaux et mondialisation: quelques réflexions ». *Regards sociologiques*, n. 22, 2001.

\_\_\_\_\_. «Qu'est-ce qu'une tradition nationale en sciences sociales?». *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, 2008/1 n° 18.

\_\_\_\_\_. «Internationalisation des sciences sociales: les leçons d'une histoire transnationale». In. SAPIRO, G. *L'espace intellectuel en Europe*. Paris : La Découverte, 2009.

\_\_\_\_\_. « Pionniers par défaut? Les débuts de la recherche au Centre d'études sociologiques (1946-1960) ». *Revue française de sociologie*, n. 32, v. 32, 1991.

HEILBRON, J. *Translation as a cultural world system*. Perspectives: Studies in Translatology. NY, v. 8, n. 1, 9-26, 2000.

HILL, C. « Uma revolução burguesa ». *Revista Brasileira de História*, v. 4, n. 7, 1984).

HOBSBAWM, E. « Sociologie critique et histoire sociale ». BOUVERESSE, J. et. al. *La liberté par la connaissance: Pierre Bourdieu (1930-2002)*. Paris: Odile Jacob, «Collège de France», 2004.

HOUEVILLE, G. *Le métier de sociologue en France depuis 1945. Renaissance d'une discipline*. Rennes : PUR, 2007.

MARX, K. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011 [1852].

MATONTI, F. *Intellectuels communistes. Essai sur l'obéissance politique*. La Nouvelle Critique (1967-1980). Paris: La Découverte, 2005.

MAUGER, G. "Bourdieu et Marx". In. LEBARON, F.; MAUGER, G. *Lectures de Bourdieu*. Paris: Ellipses, 2012.

MICELI, S. *A noite da madrinha*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

NOIRIEL, G. *Dire la vérité au pouvoir*. Paris : Agone, 2010.

PINHEIRO, F., JACKSON, L. C., BORTOLUCI, J. H. "Contemporâneo clássico: a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. *Lua Nova*, v. 94, 2015, p. 127-254).

PINTO, L. *Sociologie et Philosophie : libres échanges. Bourdieu, Derrida, Durkheim, Foucault, Sartre*. Paris: Ithaque, 2014.

\_\_\_\_\_. «(Re) traductions. Phénoménologie et 'philosophie allemande' dans les années 1930. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 45, déc. 2002.

PUDAL, B. « Le communisme dans l'oeuvre de Pierre Bourdieu ». In. MAUGER, G. (org.). *Rencontres avec Pierre Bourdieu*. Broissieux: Éditions du Croquant, 2005.

QUINIOU, Y. "Das classes à ideologia: determinismo, materialismo e emancipação na obra de Pierre Bourdieu". *Crítica marxista*, n. 11, 2000, p. 47. (In. *Actuel Marx*, n. 20, 1996).

RODRIGUES, L. S. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo (1958-1978)*. Tese de doutorado. FFLCH-USP, 2012.



\_\_\_\_\_. “Pierre Bourdieu: adversário-aliado”. Seminário Temático “O marxismo e seus críticos”. 37º Encontro Anual da Anpocs, disponível no sítio da associação.

\_\_\_\_\_. “Por uma história social do marxismo”. *Crítica marxista*, n. 36, 2013.

\_\_\_\_\_. “Poder, sexo e línguas no marxismo à brasileira”. *REPOCS*, 2018 (no prelo).

SAPIRO, G. « Le champ est-il national ? La théorie de la différenciation sociale au prisme de l’histoire globale ». In. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 5, n. 200, 2013.

\_\_\_\_\_. “Introduction”. In. *Sciences humaines en traduction. Le livre français aux Etats-Unis, au Royaume-Uni et en Argentine*. Paris, 2014, Institut Français (Volume disponível online em e-pub: <http://cse.ehess.fr/index.php?2104>).

\_\_\_\_\_. SANTORO, M. On the social life of ideas and the persistence of the author in the social and the human sciences. *Sociologica*, Bologna, n. 1, p. 1-13, 2017.

SINTOMER, Y. « Le corporatisme de l’universel et la cité ». In. *Actuel Marx*, n. 20, 2º sem. 1996.

SOULIÉ, C. “Anatomie du goût philosophique ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 109, octobre 1985.

STONE, L. “Theories of Revolution”. *World Politics*, v. 18, jan. 1966.

TERRAY, E. « Réflexions sur la violence symbolique ». In. *Actuel Marx*, n. 20, 2º sem. 1996.

\_\_\_\_\_. “Propos sur la violence symbolique”. In. ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose-Marie. *Travailler avec Bourdieu*. Paris: Flammarion, 2003.

WACQUANT, L. « De l’idéologie à la violence symbolique: culture, classe et conscience chez Marx et chez Bourdieu ». In. *Actuel Marx*, n. 20, 2º sem. 1996.

\_\_\_\_\_. « Notes tardives sur le ‘marxisme’ de Bourdieu ». In. *Actuel Marx*, n. 20, 1996.

\_\_\_\_\_. « Durkheim e Bourdieu: a base comum e fissuras ». *Novos Estudos Cebrap*, n. 48, 1997, p. 31.